

Steve Gschmeisser

Em “A Guerra dos Mundos”, de H G. Wells, uma obra-prima da ficção científica adaptada para o cinema em 1953 por Byron Haskin, e mais recentemente por Steven Spielberg, a Terra é invadida por alienígenas. Quando tudo parece perdido, quando a humanidade parece inevitavelmente condenada, os invasores começam a cair mortos. Os vírus e as bactérias, que “Deus, com Sua infinita sabedoria colocou sobre esta Terra”, como escreve Wells, nos salvam.

As extraordinárias fotografias de Steve Gschmeisser, um cientista britânico aposentado, que se utiliza de um poderoso Microscópio Eletrônico de Varredura (MEV) de última geração, não são exatamente de vírus e bactérias, mas de outras criaturas igualmente estranhas que, como aquelas, coabitando o mesmo *lugar* que nós, humanos, parecem, no entanto, existir em uma outra dimensão de espaço e tempo. Gschmeisser se diz fascinado pelas formas dos insetos e pelo nível de detalhes de seus exoesqueletos. Se espaço e tempo são experiências subjetivas, que estranho tipo de vida pulsa por trás desses exoesqueletos que parecem pairar no tempo, congelados em fotografias minuciosas sempre sobre um fundo monocromático? Estariam esses insetos vivos ou mortos – são cadáveres? Em que mundo vivem? São alienígenas? Possuem linguagem e pensamento – ou não passam de *coisas*? Que tipo de coisa? As fotografias de Gschmeisser, se inserem no campo da arte (por sua beleza estética) ou no campo da ciência (por sua precisão)?

Ao instigar tais questões – questões de cunho *filosófico* – o trabalho de Gschmeisser aproxima ciência e arte pelo viés mais fecundo, o do pensamento. Ao revelar as minúcias de um universo ao mesmo tempo tão próximo e tão distante, ele expande os limites do assombro humano diante da existência – um assombro que ao mesmo tempo nos esmaga e nos salva, através da beleza.

Renato Rezende